

# Dinheiro, poder e sexo\*

Viviana A. Zelizer\*\*

## Resumo

A crença generalizada de que o dinheiro corrompe a intimidade bloqueia nossa capacidade de descrever e explicar como dinheiro, poder, e sexo, de fato, interagem. A crença oposta – de que o sexo funciona como uma mercadoria como qualquer outra – não é melhor para ajudar descrições e explicações. A intersecção de sexo, dinheiro e poder, de fato, gera confusão e conflito, mas isso ocorre precisamente porque os participantes estão simultaneamente negociando relações interpessoais delicadas e responsáveis e marcando diferenças entre essas relações e outras com as quais elas poderiam ser fácil e perigosamente confundidas. Na vida cotidiana, as pessoas lidam com essas dificuldades com um conjunto de práticas que poderíamos chamar de “Boas Combinações”.

**Palavras-chave:** Gênero; Relações Interpessoais; Dinheiro; Sexo; Intimidade.

---

\* Recebido para publicação em abril de 2009, aceito em maio de 2009. Publicado originalmente na *Yale Journal of Law and Feminism* (18), 2006. Este texto adapta algumas passagens de V.A. Zelizer, *The Purchase of Intimacy* (2005) e de *The Purchase of Intimacy, Law & Social Inquiry* 817 (2000). Sou grata por comentários e críticas a Charles Tilly e aos participantes do Simpósio *Sex for Sale*, na Yale Law School em 2006.

\*\* Professora de Sociologia, Universidade de Princeton. [vzelizer@princeton.edu](mailto:vzelizer@princeton.edu)

Money, Power, and Sex

**Abstract**

Widespread beliefs that money corrupts intimacy block our ability to describe and explain how money, power, and sex actually interact. The opposite belief – that sex operates like an ordinary market commodity – serves description and explanation no better. The intersection of sex, money, and power, does indeed generate confusion and conflict, but that is precisely because participants are simultaneously negotiating delicate, consequential, interpersonal relations and marking differences between those relations and others with which they could easily and dangerously be confused. In everyday social life, people deal with these difficulties by relying on a set of practices we can call good matches.

**Key Words:** Gender; Interpersonal Relations; Money; Sex; Intimacy.

No final dos anos 1990, John Bowe, Marisa Bowe, Sabin Streeter, e seus colaboradores, entrevistaram os norte-americanos a respeito de seu trabalho. Seguindo o modelo de Studs Terkel, seu livro, *Gig: Americans Talk About Their Jobs (Bico: os americanos falam de seus empregos)*, relata como as pessoas numa ampla gama de ocupações sentem-se a respeito do que fazem para ganhar a vida. Entre elas está a *stripper* Sara Maxwell. Com 22 anos Maxwell mudou-se para San Francisco, depois de se formar numa pequena faculdade da Virginia, e dançava tirando a roupa para homens num clube chamado *Lusty Lady*. A parte mais lucrativa de seu trabalho consistia em apresentações eróticas, sem contato físico, num cubículo ocupado por um homem de cada vez. Maxwell observou como a sua experiência de trabalho afetava suas relações com os homens em geral:

Cada cara que eu via caminhando na rua tornava-se um cliente aos meus olhos. Até meu namorado mostrava as qualidades de um cliente. Ele dizia algo como “Você precisa escovar os cabelos” e eu ouvia algo como “Escove os cabelos para mim”. Na minha cabeça, estava implícito que ele queria se divertir. E, claro, ele também queria sexo, o que o punha mais ainda no papel de cliente (John Bowe, Marisa Bowe e Sabin Streeter, 2000:368).

Do mesmo modo, quando algum de seus amigos homens, intrigados pela sua ocupação, expressava um interesse em vê-la trabalhando: “Eu dizia a eles que, se os visse lá, nós não poderíamos mais ser bons amigos, porque eles se tornariam clientes” (Id. ib.). Para Maxwell, a ponte do trabalho com sexo para relações íntimas passava sobre um riacho muito pedregoso. De um lado, ela fazia apresentações sexuais por dinheiro, de outro, tentava manter qualquer sugestão de pagamento comercial fora de suas relações sexuais.

Na época em que os autores de *Gig* estavam fazendo suas entrevistas sobre os empregos dos americanos, Gloria González-López começou a fazer suas próprias e importantes entrevistas. Ela

## Dinheiro, poder e sexo

examinou, no entanto, combinações muito diferentes de dinheiro, poder e sexo. González-López falou com homens e mulheres mexicanos, imigrantes vivendo em Los Angeles, a respeito de suas vidas íntimas. E descobriu, entre outras coisas, que as mulheres mexicanas que tinham renda independente da do marido nos Estados Unidos falavam de mudanças nas suas relações sexuais com eles.

Por exemplo, Azalea (43 anos), porteira de prédio, contou que quando ela e o marido chegaram do México, ele era o principal provedor. Na época, ele a obrigava a ter relações sexuais com ele, ela querendo ou não. Quando González-López perguntou para Azalea o que ela diria agora a seu marido se ele a pressionasse para ter relações sexuais, ela disse enfaticamente:

Eu digo “não”, porque eu me sustento. Se ele me sustentasse e me desse todas as coisas de que preciso, talvez então se tivesse de fazer o que eles [os homens] dizem. Mas uma vez aqui, todas nós, mulheres, trabalhamos, nos sustentamos e ajudamos nossos pais (Gloria González-López, 2005:190).

No entanto, a vida em Los Angeles não aboliu as preocupações morais dos maridos e esposas mexicanos. Victoria, uma dona de casa tradicional, de 34 anos, descrevia as relações sexuais com seu marido como um compromisso moral, no qual ela trocava favores sexuais pelo sustento material de seu marido (Id. ib.:198). Ao mesmo tempo, alguns homens mexicanos descreviam as trocas econômicas de suas companheiras por favores sexuais como chantagem (Id. ib.:283, nº 2). Tanto maridos quanto mulheres reconheciam o quão delicada era a mistura de trocas econômicas com atividades sexuais. Ambos se preocupavam com a difícil triangulação de dinheiro, poder e sexo.

O Simpósio “Sexo à Venda” da *Yale Journal of Law and Feminism* registrou muitos exemplos da difícil junção entre intimidade sexual e transações comerciais. Minha própria contribuição não é a de multiplicar exemplos, mas a de adequar

esses tipos particulares de dificuldades num padrão mais geral de negociação entre intimidade e atividade econômica. Deixem-me sublinhar quatro pontos:

1. A crença generalizada de que o dinheiro corrompe a intimidade bloqueia nossa capacidade de descrever e explicar como dinheiro, poder, e sexo, de fato, interagem.

2. A crença oposta – de que o sexo funciona como uma mercadoria como qualquer outra – não é melhor para ajudar descrições e explicações.

3. A intersecção de sexo, dinheiro e poder, de fato, gera confusão e conflito, mas isso ocorre precisamente porque os participantes estão simultaneamente negociando relações interpessoais delicadas e responsáveis e marcando diferenças entre essas relações e outras com as quais elas poderiam ser fácil e perigosamente confundidas.

4. Na vida cotidiana, as pessoas lidam com essas dificuldades com um conjunto de práticas que poderíamos chamar de “*Boas Combinações*”.

À primeira vista, a experiência de Sara Maxwell e os relatos dos imigrantes mexicanos confirmam a primeira crença: a mercantilização inevitavelmente corrompe a intimidade sexual. No entanto, deveríamos ser céticos a respeito de uma formulação tão absoluta. Ao invés disso, deveríamos pensar a respeito de algumas das complexidades que nos levam a misturar relações sexuais com atividades econômicas.

### **Mal-entendidos sobre dinheiro, poder e sexo**

Mesmo os pesquisadores que estudam relações íntimas e atividades econômicas frequentemente se confundem a respeito dessas questões. Quando se trata da mistura da intimidade (sexual ou outra) com transações econômicas, encontramos enganos generalizados bloqueando a análise do quanto relações íntimas e transações econômicas de fato se misturam. Muitos observadores supõem, especialmente, que qualquer mistura de laços pessoais

Dinheiro, poder e sexo

íntimos com transações econômicas corrompe inevitavelmente a intimidade, e que invasões das atividades comerciais pelas relações íntimas corrompem igualmente essas atividades.

De onde vêm essas preocupações? Elas derivam de dois mal-entendidos complementares, mas parcialmente independentes. Podemos chamá-los de “Esferas Separadas” e “Mundos Hostis”. Idéias de “Esferas Separadas” identificam dois domínios distintos da vida social que operam de acordo com princípios diferentes: racionalidade, eficiência e planejamento, de um lado; solidariedade, sentimento e impulso, de outro. A atividade econômica pertence à primeira esfera, as relações sexuais à segunda.

As crenças de tipo “Mundos Hostis” dizem que quando tais esferas separadas entram em contato, elas contaminam uma à outra. Sua mistura, continua o argumento, corrompe ambas; a invasão do mundo sentimental pela racionalidade instrumental, o diminui, enquanto que a intromissão do sentimento em transações racionais produz ineficiência, favoritismo e cliques. Nesse relato existe – e deve existir – uma divisão nítida entre relações íntimas e transações econômicas, já que qualquer contato entre as duas esferas contamina ambas.

Esferas Separadas e Mundos Hostis aparecem nas ciências sociais, lugar em que gerações de analistas deploraram o que viam como a erosão da autenticidade e da intimidade por um mercado invasor. Fora das ciências sociais, os mesmos temas frequentemente ecoam no discurso moral, quando as pessoas explicam mau comportamento como consequência da ganância e dizem que o dinheiro é a raiz de todo mal.

Na justiça norte-americana, as doutrinas de Esferas Separadas e Mundos Hostis aparecem em novas versões. Os tribunais, por exemplo, comumente decidem que as transações econômicas entre cônjuges devem ser vistas como dádivas e não como trocas diretas – pelo menos até o momento do divórcio (Zelizer, 2005:284-285; Williams, 2005:115-120; Siegel, 1994). Mas práticas baseadas em Esferas Separadas e Mundos Hostis figuram

também na vida cotidiana. Casais sexualmente íntimos, por exemplo, comumente tomam grande cuidado em sinalizar (tanto para os outros quanto para si mesmos) que eles não estão simplesmente trocando sexo por recompensas econômicas.

A idéia de que a mercantilização da intimidade a corrompe reaparece numa ampla gama de relações íntimas. Num editorial do *New York Times* de 2005, por exemplo, David Brooks lamenta o crescente uso de contas bancárias separadas pelos cônjuges. Ele se preocupa com o fato de que maridos e mulheres estejam esquecendo a distinção “entre o etos individualista do mercado e o etos comunitário do lar”. Como resultado, adverte Brooks,

uma união baseada no amor pode facilmente transformar-se numa aliança baseada no auto-interesse, na qual o principal critério se torna: Estou recebendo um bom retorno de meu investimento? (Id. ib.).

Cientistas sociais, que acertadamente suspeitam dessas idéias amplamente aceitas, frequentemente replicaram “Nada Mais”. Eles afirmam que arranjos íntimos não são mais que tipos especiais de economias, nada mais que arenas de poder, ou nada mais que expressões de uma cultura comum.

A versão mais comum diz que os que adotam a idéia de Mundos Hostis estão errados porque o mundo todo não é nada mais do que uma única, grande, economia: há mercados por toda parte. Isso inclui as famílias e as relações íntimas. Nessa visão Nada Mais, amor, sexo e cuidados pessoais são, de fato, mercadorias como todo o resto (Becker, 1996; Posner, 1997).

As descrições e explicações, teorias de Esferas Separadas, Mundos Hostis e Nada Mais falham indubitavelmente. Estudos reais de arranjos sociais concretos, de corporações a unidades domésticas, não mostram esferas separadas, mundos hostis segregados, mercados em toda parte, ou quaisquer dos Nada Mais.

Dinheiro, poder e sexo

O que é surpreendente sobre tais visões é o seu fracasso em reconhecer o quão regularmente relações íntimas coexistem com transações econômicas sem dano aparente para quaisquer das duas: casais compram anéis de noivado; pais pagam babás ou centros infantis para cuidar de seus filhos; pais adotivos pagam advogados e agências para obter bebês; cônjuges divorciados pagam ou recebem pensão para si e para os filhos; pais dão mesadas a seus filhos, pagam seus estudos, os ajudam a pagar sua primeira hipoteca e lhes deixam dotes substanciais em seus testamentos. Amigos e parentes mandam dinheiro de presente de casamento, e amigos emprestam dinheiro uns aos outros. Imigrantes enviam dinheiro obtido com sacrifício para famílias que ficaram para trás.

De fato, pessoas que mantêm relações íntimas umas com as outras regularmente somam recursos, fazem compras conjuntas, investem em fundos comuns, organizam heranças e negociam a divisão do trabalho doméstico. No entanto, tais relações não são, de nenhuma maneira, semelhantes a bolsas de valores ou ações do mercado.

Para contrastar com os argumentos de *Mundos Hostis e Nada Mais*, proponho uma explicação alternativa para a mistura de transações econômicas com relações íntimas: Boas Combinações. Boas Combinações replica a ambas que a atividade econômica e a intimidade intersectam todo o tempo, não se comportam como mini-mercados, mas apenas funcionam bem quando as pessoas fazem boas combinações das duas. Com boa combinação não quero dizer que você e eu vamos aprovar a barganha ou que a combinação é igualitária e justa. Quero dizer que a combinação é viável: torna possível o trabalho econômico da relação e sustenta a relação. Um conjunto de transações econômicas que reforçaria o laço entre marido e mulher, por exemplo, poderia ser ruínoza para a relação entre patrão e secretário. As relações são tão importantes que as pessoas trabalham duro para combiná-las com formas apropriadas de atividade econômica e marcadores claros do caráter dessa relação.



Boas combinações entre relações íntimas e transações econômicas são interessantes de se observar. Vistas de perto, elas dependem muito de negociações entre os parceiros, tais como marido-mulher, patrão-secretário, médico-paciente, ou acompanhante-cliente. As práticas combinatórias também variam significativamente de uma classe, uma etnia, ou um arranjo cultural para outros.

Ainda assim, três características principais se delineiam em boas combinações:

1. A transação econômica distingue a relação de outras com as quais poderia ser confundida, danificando assim a própria relação. Um exemplo é a confusão entre o pagamento a uma prostituta e a contribuição econômica de amantes ocasionais.

2. Boas combinações demonstram e propiciam acordos entre os parceiros numa relação. Eles compartilham a mesma compreensão sobre a relação. Por exemplo, namorados ricos, cada um dos quais pode facilmente pagar pelas despesas de ambos, comumente chegam a um entendimento sobre o que se constitui como uma divisão equitativa dos custos. Saindo de férias, por exemplo, quem paga o hotel, ou o restaurante, ou a viagem?

3. Boas combinações identificam a relação claramente para um terceiro envolvido. Um exemplo é qual será o terceiro envolvido que pagará pelo quê numa festa de noivado ou de casamento: o anel, o vestido, o banquete, a banda de música.

Obviamente, em qualquer situação específica, boas combinações dependem do estoque de significados, marcadores e práticas existentes no meio local. Para além do particularismo cultural, no entanto, podemos identificar algumas regularidades que podem ser amplamente verificadas.

**Intimidade: limitada ou ampla, durável ou passageira**

Pense nas relações íntimas como variando ao longo de duas dimensões: amplitude e duração. Uma relação limitada envolve

Dinheiro, poder e sexo

apenas uma, ou poucas, práticas compartilhadas, incluindo práticas econômicas. Uma relação ampla envolve uma extensa gama de práticas, incluindo práticas econômicas. Falando de relações que envolvem intimidade sexual, podemos colocar a prostituição do lado limitado e a participação numa comunidade promíscua do lado amplo.

Relações íntimas também variam em sua duração, de quase instantâneas até um longo período. No lado passageiro dessa dimensão, podemos encontrar colegiais que “ficam” por uma noite; no lado durável, casamentos estáveis. Tanto quanto posso dizer, relações amplas, mas por um curto período, são raras ou inexistentes. No entanto, uma relação pode permanecer limitada durante um longo período, como é o caso de algumas ligações sexuais. Ou pode ser ampla e durável, como em muitas formas de coabitação. A duração não necessariamente produz a ampliação de uma relação íntima. A amplitude, no entanto, requer duração.

Porque amplitude e duração são importantes? Uma relação que envolva uma extensa variedade de atividades, incluindo atividades econômicas, coloca problemas maiores de gerenciamento do que uma relação limitada; desempenho, positivo ou negativo para uns, tem repercussões em relação a outras atividades compartilhadas. Uma relação de longo termo, limitada ou ampla, lança sombras tanto do passado quanto do futuro nas interações correntes; os sentidos acumulados da relação e as apostas dos parceiros em seu futuro afetam, ambos, o que acontece hoje. Embora amplitude e duração de modo nenhum garantam harmonia e felicidade, ambos tornam muito mais extensas as ramificações das interações correntes.

Para nossos objetivos, as implicações são claras. Uma ampla variedade de relações interpessoais combina a atividade econômica com a atividade sexual. Quando as relações são limitadas e por um período curto, tendemos a chamá-las de trabalho sexual (Stitchcombe, 1994). Quando elas são amplas e de longa duração, tendemos a chamá-las de unidades domésticas. Os participantes dessas diferentes relações tomam cuidado em

distingui-las de outras relações com as quais elas possam ser fácil e dolorosamente confundidas, compartilham definições da relação, reconhecem implicações práticas da definição compartilhada, e identificam claramente suas relações para terceiros envolvidos que sejam relevantes.

Nosso espaço conceitual identifica, assim, quatro tipos bem diferentes de relações: limitado e breve; limitado e durável, amplo e breve, amplo e durável. Olhemos mais de perto exemplos concretos de três desses quatro tipos: limitado e breve, limitado e durável, amplo e durável.

No tipo limitado e breve, encontramos pessoas trabalhando arduamente para produzir boas combinações. Vemos aqui trabalhadores do sexo que ganham a vida através da venda de serviços sexuais explícitos, incluindo sexo pelo telefone, sexo cibernético, produção de pornografia, shows de sexo ao vivo, massagem erótica, serviços de acompanhantes, e uma ampla variedade de prostituição. Poder-se-ia imaginar que uma única relação está subjacente a essa diversidade de ocupações: um relação toma lá dá cá, uma troca a curto prazo de sexo por dinheiro. Mas isso seria um equívoco.

Ao contrário do que pensam os seguidores da linha Mundos Hostis – de que as prostitutas farão qualquer coisa por um tostão – de fato, tanto provedores quanto consumidores do trabalho sexual traçam distinções impressionantemente finas entre suas muitas variedades. Os trabalhadores do sexo são tão cuidadosos em diferenciar o que fazem das atividades de outros trabalhadores do sexo, quanto de suas relações sexuais não profissionais. Para ficar apenas num exemplo, ouçam como Heart, uma operadora de sexo por telefone, descreve seu trabalho:

Nós não somos como essas mulheres da rua – arrastando-se pelas ruas no meio da noite... Nós trabalhamos num escritório. Eu nunca toquei num pênis. Não posso pegar nenhuma doença. Não posso ser atacada. Não sou uma prostituta. Posso sentar aqui e ler uma revista e só gemer de

## Dinheiro, poder e sexo

vez em quando... e ainda ser paga (Rich e Guidroz, 2000; Flowers, 1998).

Os trabalhadores do sexo não apenas diferenciam o próprio serviço sexual, mas também quem são seus clientes, suas relações com eles, sua duração e amplitude, a quantia e as formas de pagamento, e o significado geral de seu trabalho. De fato, o pagamento monetário em si mesmo sinaliza a forma de relacionamento tanto para o fornecedor quanto para o consumidor. Annie Sprinkle<sup>1</sup>, uma massagista erótica entrevistada por Wendy Chapkis no início dos anos 1990, refletia sobre como o dinheiro contava nas suas relações com clientes.

O dinheiro é importante. E não é porque estejamos desesperadas por ele, como se fossemos drogadas e precisássemos do dinheiro, já que não somos, ou porque sejamos gananciosas por dinheiro... Mas, de algum modo, quando existe dinheiro podemos passar um tempo maravilhoso com essas pessoas, realmente dar e ser amorosa e totalmente ao seu dispor. Se não existe dinheiro, esqueça, não quero você no mesmo quarto comigo. É tão estranho... O que é que o dinheiro propicia? Talvez seja uma troca clara, especialmente quando você está com alguém de quem você não gosta muito, de algum modo, se eles lhe dão, você pode dar para eles. Você foi compensada de uma maneira clara, limpa. Quero dizer, eu posso de fato gostar de uma pessoa, se me pagam, da qual não gostaria se não me pagassem. É incrível (Chapkis, 1997:92).

Não apenas a forma de pagamento, mas também o local, a roupa, o estilo pessoal e as práticas do fornecedor do serviço

---

<sup>1</sup> A articulada Annie Sprinkle é, é claro, mais do que uma trabalhadora do sexo comum. Tendo sido em sucessão prostituta, atriz pornô, artista de *performances*, especialista sexual e ativista, ela é autora de pelo menos quatro livros, incluindo *Dr. Sprinke's Spectacular Sex*, para não mencionar páginas na internet, DVSS e produtos sexuais relacionados.

identificam as qualidades especiais da relação entre os trabalhadores do sexo e seus clientes. Os que trabalham na rua, por exemplo, diferenciam nitidamente os clientes, suas relações com eles, os atos sexuais que praticarão, ou não, formas de pagamento e locais de trabalho. Em todos esses casos, é claro, um ou ambos os parceiros às vezes procuram ampliar ou alargar as relações envolvidas. Nesse ponto, mais algumas distinções estarão em jogo. Trabalhadores do sexo vivem num mundo de laços sociais altamente diferenciados e bem demarcados.<sup>2</sup>

### **Relações sexuais de longa duração, mas limitadas**

Algumas relações sexuais, no entanto, mantendo seu caráter limitado, duram muito tempo. O exemplo mais óbvio são mulheres e homens mantidos por seus parceiros. Embora tais relações quase sempre contemplem um espectro mais amplo de atividades econômicas do que o trabalho sexual que acabei de descrever, em geral os envolvidos focam suas relações na atividade sexual.

Considere-se o caso de Deborah Vandavelde e Thomas Colucci, um rico empresário de 53 anos de Long Island, casado e com dois filhos adolescentes. Em 1999, encantado pela beleza de Vandavelde, Colucci a cobriu de presentes e a alojou em dois apartamentos em Manhattan. Eles assinaram um contrato – Colucci a pagava como se ela fosse uma empregada de um de seus negócios. Dois anos depois, no entanto, quando ele suspeitou que Vandavelde estava se encontrando com outro

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Brewis e Linstead, 2000; Frank, 2002; Hill, 1993; Kempadoo, 2004; Meckel, 1995; Wilson, 2004; Bernstein, 1999, 2005; Hausbeck e Brents, 2000; Lever e Dolnick, 2000; Massey e Hope, 2005; Murphy e Venkatesh, 2006; Sanchez, 1997 e Trautner, 2005. Sobre pagamento por serviços sexuais entre homens, ver, por exemplo, Aggleton, 1999; Boag, 2003; Chauncey, 1995; Humphreys, 1970, 1985; Moodie com Ndatshe, 1994; Reiss 1961 e Sanchez, 1997.

homem, Colucci parou de pagar o aluguel e todas as outras despesas.

A essa altura, Vandavelde processou Colucci, pedindo três e meio milhões de dólares por quebra de contrato. Vandavelde afirmou que, enquanto seu relacionamento durou, “Colucci tivera acesso irrestrito a sexo... e lhe prometera segurança financeira” (Maull, 2002; *The Abrams Report*, 2002). Em 1º de outubro de 2002, o *New York Post* publicou uma matéria sobre o caso, com um título caracteristicamente picante: *Mistress: More Sugar, Daddy* (*Amante: Mais Açúcar, Paizinho*) (Dareh Gregorian, 2002). Além disso, num recurso encaminhado ao Tribunal Superior de Justiça do Estado de Manhattan, Colucci argumentou que, como seu contrato era um acordo para facilitar o adultério, era ilegal.<sup>3</sup>

O juiz desse caso, Leland DeGrasse, estabeleceu um delicado equilíbrio entre as considerações comerciais e morais. Primeiro separou o processo de quebra de contrato de Vandavelde de outro processo, por não pagamento de aluguel, dos proprietários do prédio em que Vandavelde vivia. Nesse último caso, decidiu contra Colucci, ordenando-lhe que pagasse mais de cinquenta mil dólares em aluguéis atrasados (Peterson, 2002).

Muitos processos legais lidam com este tipo de relação delicada entre negócios e prazer. Outras relações sexuais de longa duração, mas limitadas, levantam muitas das mesmas questões morais e legais. De uma perspectiva diferente, podemos considerar a relação entre uma mulher e seu ginecologista, ou entre um homem e seu urologista. Embora alguns possam estranhar essa qualificação de sexual, os paralelos e diferenças com outras relações duradouras e limitadas são reveladores.

No caso dos ginecologistas, os médicos tomam grande cuidado para limitar suas relações com as pacientes ao seu aspecto estritamente profissional. Pense-se nos elaborados

---

<sup>3</sup> *The Abrams Report*; Helen Peterson, 2002, disponível em <http://www.nydailynews.com/bews/v-pfriendly/story/22141p-20999c.html>

esforços para assegurar que o exame vaginal, certamente um evento com conotações sexuais, permaneça no âmbito de limites adequados. James Henslin e Mae Biggs (1971) fazem uma descrição detalhada do exame vaginal, identificando o quanto médicos e enfermeiras despersonalizam a situação, mantendo-a assim o mais longe possível de situações sexuais similares com as quais ela poderia ser confundida.<sup>4</sup>

Além disso, o código de ética oficial dos ginecologistas barra qualquer confusão, proibindo interações que outros possam perceber como sexualmente impróprias. Entre as diretrizes do código estão as seguintes:

- . O contato sexual ou uma relação romântica entre médico e paciente nunca são éticas...
- . Os exames devem ser feitos apenas com o contato físico necessário para se obter dados para diagnóstico e tratamento...
- . Os médicos devem evitar insinuações sexuais e observações sexualmente provocativas...
- . É importante que os médicos auto-monitorem qualquer indício de que os limites entre sentimentos sexuais normais e um comportamento inadequado não estejam sendo mantidos. Esses indícios podem incluir uma consulta especial, receber uma paciente fora dos horários regulares do consultório, ou fora do consultório, levar uma paciente para casa, ou fazer comentários sexualmente explícitos sobre pacientes...<sup>5</sup>

Assim, relações duradouras, mas limitadas, evocando as relações sexuais, existem e, como o trabalho com sexo, tem suas próprias características específicas. Sem dúvida já está claro que ambas diferem significativamente de relações duradouras, amplas,

---

<sup>4</sup> Para uma crítica dessa análise, ver Kapsalis, 1997.

<sup>5</sup> American College of Obstetricians And Gynecologists, Ethics. In: *Obstetrics And Gynecology*, 2004, disponível em [http://www.acog.org/from\\_home/publications/ethics/ethics101.pdf](http://www.acog.org/from_home/publications/ethics/ethics101.pdf)

que envolvem atividade sexual. Uma coabitação longa – de heterossexuais, gays ou lésbicas – oferece o exemplo principal. Aqui encontramos casais envolvidos numa série de variadas transações econômicas sem as quais sua unidade doméstica não sobreviveria.

Contradizendo as visões Mundos Hostis de unidades domésticas como o domínio exclusivo de sentimento e solidariedade no qual qualquer intrusão de cálculo econômico ameaça a intimidade, os integrantes de uma delas compartilham rotineiramente a produção, o consumo, a distribuição e a transferência de patrimônio. Viver junto necessariamente produz problemas, oportunidades, direitos e obrigações econômicas compartilhadas por todos os envolvidos. Quando uma unidade doméstica contém mais de um casal, as coisas se tornam mais complicadas: relações com terceiros envolvidos, tais como crianças, empregados ou parentes idosos, começam a influenciar significativamente a sua dinâmica. No interior de unidades domésticas complexas, o trabalho de estabelecer relações nunca termina.

No entanto, as unidades domésticas se diferenciam de outros lugares de atividades econômicas em três aspectos cruciais. Primeiro, a coabitação continuada cria conhecimento, influência, direitos e obrigações mútuos mais extensos do que os que se desenvolvem em outros conjuntos econômicos. Segundo, a negociação no interior das unidades domésticas ocorre com um futuro mais longo em vista e com maiores conseqüências para a reciprocidade duradoura do que ocorre caracteristicamente no interior de outros espaços de atividade econômica. Terceiro, segundo a lei americana, as transações econômicas no interior das unidades domésticas ocupam uma posição substancialmente distinta das que ocorrem entre unidades domésticas, entre unidades domésticas e outras unidades econômicas, ou que ocorre fora das unidades domésticas (Zelizer, 2005:263-65).

As relações sexuais estão fortemente vinculadas com a maior parte das outras interações das unidades domésticas. Meg



Luxton mostra um indício surpreendente dessas vinculações. Na sua pesquisa de 1980, sobre três gerações de donas-de-casa da classe trabalhadora, numa cidade mineira no norte de Manitoba, Luxton documentou o intenso e extenso trabalho doméstico das mulheres – o que incluía lavar, passar, espanar, usar o aspirador, limpar, planejar refeições, cozinhar, fazer pão, costurar, planejar o orçamento, fazer compras, e cuidar das crianças. Nesse ambiente tradicional, no qual as mulheres trabalhavam arduamente em casa, enquanto os homens traziam o dinheiro, o sexo, com frequência, se tornava uma moeda de troca. Como observou uma das mulheres:

Quando quero algo para a casa, como uma nova lavadora de roupas, ou algo assim, faço amor como uma louca por um tempo e então paro. Aí digo a ele o que eu quero e digo que, se ele quiser mais amor, tem que comprar (Luxton, 1980:64).

Assim, dos canadenses ao norte de Manitoba aos mexicanos no sul da Califórnia, uma série de estudos documentam a vinculação entre relações sexuais e a atividade econômica das unidades domésticas.

Kenneth Feinberg, o advogado que administrou o fundo de indenização do governo dos Estados Unidos do ataque de 11 de setembro, teve de reconhecer indiretamente essa vinculação. Ainda que, a princípio, ele tenha tentado estimar as indenizações aos sobreviventes das vítimas do ataque de 11 de setembro exclusivamente através da perda da contribuição financeira das vítimas, ele logo se viu obrigado a considerar o valor econômico do trabalho doméstico não remunerado e a da perda de companhia. Isso implicava em decidir que tipos de sobreviventes de casais atingidos estavam qualificados ou não para a indenização, e quais as perdas que esses sobreviventes tinham realmente sofrido. No entanto, Feinberg atingiu seu limite quando um marido enlutado pediu recursos para pagar prostitutas para

Dinheiro, poder e sexo

substituir os serviços sexuais de sua esposa morta. Feinberg relatou o pedido do homem:

Não quero parecer grosseiro, mas há algo mais pelo qual eu pago, ou posso vir a pagar. O senhor pode imaginar... há outros serviços que poderiam ser substituídos, mas não vou mencioná-los (Feinberg, 2005:154).

Nesse ponto, mesmo o lúcido e generoso Feinberg estabeleceu um limite, com base nos *Mundos Hostis*, e rejeitou o pedido.

### **Sexo intermediário**

No espaço definido por duração e amplitude existem casos intermediários. Algumas relações envolvem aspectos mais amplos de atividade econômica e maior duração do que o trabalho sexual, mas muito menos do que os envolvidos na coabitação em unidades domésticas. Em *Making Ends Meet (Orçamento Apertado)*, essa clássica pesquisa de como as mães sozinhas de baixa renda ou pensionistas do Estado sobrevivem financeiramente, Kathryb Edin e Laura Lein oferecem pistas pouco comuns sobre como essas mulheres estabelecem uma gama de laços econômicos com os homens em suas vidas.

Edin e Lein fazem três observações de grande relevância para o assunto deste artigo: primeiro, que as relações com homens representavam uma parte significativa nas finanças domiciliares dessas mães; segundo, que as mulheres estabeleciam nítidas distinções entre as variadas relações com homens que são, ou tinham sido, seus parceiros sexuais; e terceiro que elas desenvolveram diferentes sistemas de pagamento e obrigações correspondentes a essas diferentes relações. Nas observações de campo e nas entrevistas de quase 400 mães, Edin e Lein identificaram um sistema amplo de categorias que diferenciavam as relações distintas das mulheres com homens, desde pais

ausentes, passando por namorados, até a prostituição, com outras distinções intermediárias.

Talvez os laços mais notáveis sejam os estabelecidos com os namorados: desses homens – não casados legalmente com a mãe e que, em geral, não eram pais de qualquer dos seus filhos – se esperavam contribuições regulares, de quantias de dinheiro e de bens em espécie. Além da quantia semanal de vinte ou trinta dólares para despesas incidentais, por exemplo, o namorado de uma das mães, de Chicago, ajudou-a a pagar sua conta telefônica e pagou sua mobília; ele também comprou presentes para as crianças dela. Em troca de sua contribuição, os namorados arranjam um lugar para ficar, obtém companheirismo sexual, algumas refeições e a oportunidade de “brincarem de pais” com os filhos da mulher (Edin e Lein, 1997:155).

O arranjo é claro: como as mães disseram repetidas vezes para Edin e Lein, namorados que não pagam “não podem ficar” (Id. ib.). Ocasionalmente, as fronteiras entre “namorados seriais” e a prostituição se confundiam: por exemplo, uma mãe explicou que sua dependência dos namorados “não é por amor e também não é apenas pelo dinheiro. Suponho que eu chamaria de prostituição social” (Id. ib.:157). No entanto, a maioria das mães estabelecia marcadores claros, diferenciando a prostituição real e sua relação com um namorado. “Aplicar truques” ou “andar pelas ruas” significava “ficar” por uma noite, sem uma relação a longo prazo com o homem, implicando em dinheiro a curto prazo em troca de sexo a curto prazo (Id. ib.). A cada forma de relação sexual correspondia um conjunto de transferências monetárias diferentes.

Na pesquisa seguinte, com Maria Kefalas, sobre 162 mães sozinhas de baixa renda, Edin demonstrou ainda que as mulheres insistiam numa contribuição financeira regular de seus parceiros a longo prazo. Edin e Kefalas descobriram também que um grande número de rompimentos dos casais era resultado, exatamente, da incompatibilidade entre a participação econômica dos homens e seus privilégios e exigências na casa (Edin e Kefalas, 2005).

Dinheiro, poder e sexo

A comparação das unidades domésticas de coabitação duradoura com unidades domésticas mais instáveis, descritas por Edin, Lein e Kefalas, traz ainda um benefício adicional. Mostra-nos que as combinações não são, de modo nenhum, conseqüências automáticas da compreensão ou da coerção culturais, mas emergem de uma incessante barganha entre os integrantes da unidade doméstica, especialmente entre casais que se relacionam sexualmente. As barganhas envolvem exercícios de poder.

### **Combinações boas, más e incertas**

Não que todas as combinações funcionem, ou que qualquer transação econômica seja compatível com qualquer relação sexual. Ao contrário, as pessoas trabalham duro para negociar a combinação certa entre economia e intimidade sexual, procurando arranjos econômicos que confirmem seu entendimento sobre o que define a relação e o que a sustenta. Esta pessoa é um explorador ou um amante real? Esta relação sexual implica em respeito ou em exploração? Quando é aceitável que um homem dê presentes, ao invés de dinheiro, para uma trabalhadora do sexo? E o que significa se uma trabalhadora do sexo não aceitar o pagamento do consumidor? Quando um casal de namorados se envolve sexualmente um com o outro, como eles devem gerenciar seus gastos com lazer? Além disso, quando as relações azedam, as pessoas começam a lamentar sua contribuição econômica, em detrimento daquelas relações. Às vezes elas acabam nos tribunais.

Em última análise, a combinação de sexo, dinheiro e poder mostra que ela compartilha propriedades comuns com uma ampla variedade de relações interpessoais que envolvem atividades econômicas. Na vida social cotidiana, e também nos procedimentos legais, as pessoas se esforçam seriamente para combinar formas de atividade econômica efetivamente com relações sociais relevantes, e em diferenciar essas relações de outras com as quais elas possam ser sofrida e facilmente

confundidas. O processo de combinação sempre envolve algum exercício de poder pelas pessoas diretamente implicadas nas relações e, às vezes, por terceiros. Sim, gerenciar a intersecção de sexo, dinheiro e poder apresenta sérios problemas. Mas são problemas que nós e outras pessoas resolvemos todos os dias. Longe de ser tabu, essa intersecção pertence à própria vida.

### Referências bibliográficas

- AGGLETON, Peter. (ed.) *Men Who Sell Sex*. Philadelphia, Temple University Press, 1999.
- BERNSTEIN, Elizabeth. What's Wrong with Prostitution? What's Right with Sex Work? Comparing Markets in Female Sexual Labor. 10 *Hastings Women's Law Journal* 91, 1999.
- \_\_\_\_\_. Desire, Demand, and the Commerce of Sex. In: BERNSTEIN, Elizabeth and SHAFFNER, Louise. (eds.) *Regulating Sex. The Politics of Intimacy and Identity*. New York, Routledge, 2005.
- BOAG, Peter. *Same-Sex Affairs*. Berkeley, University of California Press, 2003.
- BOWE, John; BOWE, Marisa and STREETER, Sabin. *Gig: Americans Talk About Their Jobs*. New York, Three Rivers Press, 2000.
- BREWIS, Joanna and LINSTAD, Stephen. *Sex, Work and Sex Work*. London, Routledge, 2000.
- BROOKS, David. To Have and to Hold, for Richer for Poorer. *The New York Times*, March 2005.
- CHAPKIS, Wendy. *Live Sex Acts*. New York, Routledge, 1997.
- CHAUNCEY, George. Christian Brotherhood Or Sexual Perversion? Homosexual Identities And The Construction Of Sexual Boundaries In The World War One Era. *Journal of Social History* 19, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Gay New York*. New York, Basic Books, 1994.
- EDIN, Kathryn and LEIN, Laura. *Making Ends Meet: How Single Mothers Survive Welfare and Low-Wage Work*. New York, Russell Sage Foundation, 1997.
- \_\_\_\_\_. and KEFALAS, Maria. *Promises I Can Keep*. Berkeley, University of California Press, 2005.

Dinheiro, poder e sexo

- Ethics in Obstetrics and Gynecology*. Second Edition. Washington, D.C., American College of Obstetricians and Gynecologists, 2004.  
[http://www.acog.org/from\\_home/publications/ethics/ethics101.pdf](http://www.acog.org/from_home/publications/ethics/ethics101.pdf)
- FEINBERG, K.R. *What is Life Worth?* New York, PublicAffairs, 2005.
- FLOWERS, Amy. *The Fantasy Factory: An Insider's View of the Phone Sex Industry*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1998.
- FRANK, Katherine. *G-Strings and Sympathy*. Durham, Duke University Press, 2002.
- GONZÁLEZ-LÓPEZ, Gloria. *Erotic Journeys*. Berkeley, University of California Press, 2005.
- HAUSBECK, Kathryn and BRENTS, Barbara G. Inside Nevada's Brothel Industry. In: Weitzer, Ronald. (ed.) *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*. New York, Routledge, 2000.
- HENSLIN, James M. and BIGGS, Mae A. Dramaturgical Desexualization: The Sociology of the Vaginal Examination. In: HENSLIN, James M. (ed.) *Studies in the Sociology of Sex*. New York, Appleton-Century-Crofts, 1971.
- HUMPHREYS, Laud. *Tearoom Trade*. Chicago, Aldine, 1975.
- KAPSALIS, Terri. *Public Privates: Performing Gynecology From Both Ends of the Speculum*. Durham, N.C., Duke University Press, 1997.
- KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean. Gender, Race, and Sexual Labor*. New York, Routledge, 2004.
- LEVER, Janet and DOLNICK, Deanne. Clients and Call Girls: Seeking Sex and Intimacy. In: WEITZER, Ronald. (ed.) *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*. New York, Routledge, 2000.
- LUXTON, Meg. *More Than a Labour of Love*. Toronto, The Women's Press, 1980.
- MASSEY, Joseph E. and HOPE, Trina L. A Personal Dance: Emotional Labor, Fleeting Relationships, and Social Power in a Strip Bar. In: MORRILL, Calvin; SNOW, David A. and WHITE, Cindy H. (eds.) *Together Alone. Personal Relationships in Public Places*. Berkeley, University of California Press, 2005.
- MAULL, Samuel. Businessman must pay ex-girlfriend's rent, she sues for \$3.5 million. *Associated Press State & Local Wire*, September 26, LEXIS NEXIS Academic, 2002.

- MECKEL, Mary V. *A Sociological Analysis of the California Taxi-Dancer: The Hidden Halls*. Lewiston, N.Y., Edwin Mellen Press, 1995.
- MOODIE, T. Dunbar with Ndatshe, Vivienne. *Going for Gold. Men, Mines, and Migration*. Berkeley, University of California Press, 1994.
- MURPHY, Alexandra K. and VENKATESH, Sudhir Alladi. Vice Careers. *Qualitative Sociology* 29, 2006.
- PETERSON, Helen. True Love or Just Lust? *New York Daily News* 27, September 2002.
- REISS JR., Albert J. The Social Integration of Queers and Peers. *Social Problems* 9, 1961.
- RICH, Grant Jewell and GUIDROZ, Kathleen. Smart Girls Who Like Sex: Telephone Sex Workers. In: WEITZER, Ronald. (ed.) *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*. New York, Routledge, 2000.
- SANCHEZ, Lisa E. Boundaries of Legitimacy: Sex, Violence, Citizenship, and Community in a Local Sexual Economy. *Law & Social Inquiry* 22, 1997.
- SIEGEL, Reva B. The Modernization of Marital Status Law: Adjudicating Wives' Rights to Earnings, 1860-1930. *Georgetown Law Journal* 82, September 1994.
- STINCHCOMBE, Arthur L. Prostitution, Kinship, and Illegitimate Work. *Contemporary Sociology* 23, 1994.
- The Abrams Report* 27, transcript, September 2002.
- TRAUTNER, Mary Nell. Doing Gender, Doing Class: The Performance of Sexuality in Exotic Dance Clubs. *Gender & Society* 19, 2005.
- WILLIAMS, Joan. *Unbending Gender: Why Family and Work Conflict and What To Do About It*. New York, Oxford University Press, 2000.
- WILSON, Ara. *The Intimate Economies of Bangkok*. Berkeley, University of California Press, 2004.
- WOOD HILL, Marilynn. *Their Sisters' Keepers*. Berkeley, University of California Press, 1993.
- ZELIZER, Viviana. *The Purchase of Intimacy*. Princeton, N.J., Princeton University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. *The Purchase of Intimacy*. *Law & Social Inquiry* 29, 2000.